

ÂNFORAS E ÂNCORAS

Livro 27

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



INSISTO

Insisto, pois ainda fecundam as advertências sobre os riscos que acompanham o amor. Não aprendi de memória se o que me confunde é não recuperar uma lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, borra, inutiliza o que eu penso como coisas minhas. Acredito no amor, levo um equilíbrio à base de esforços. Tenho espalhadas minhas harmonias, sinto-me o personagem central de um rascunho sem ensaios.



SENHOR DOS DISFARCES

Ponho-me onde a tristeza não me veja chorar, atraso o encontro até fazer-me senhor dos disfarces. Diante da ausência de refúgios, confirmo uma procura sem fim.

REINVENÇÃO

Não sei o que fazer desses meus sonhos que nunca acabam de reinventar-se.



DIFÍCIL É MANTER

Difícil é manter o coração puro quando uma fadiga provoca o esvaziamento do sentido de pertencimento. Não alcanço ser delicado com a decadência, sua frequência, seu vício. Gostaria de afrontá-la, mas não disponho de agressividade quando me importuna esse escuro com seus domínios.

A CHAVE DA MINHA CASA

A chave da minha casa ainda me pertence. Não repetirei enganos, esquecendo nomes, enquanto perco a direção da minha razão. Minha vontade é de abrir todo o óbvio ocultado, não aceitado. Não me inclino às falsas esperanças, à manipulação das palavras que gravam na minha alma angustiada um pedido de paciência no meio do meu desespero. Há gente capaz de viver o pior como se fosse alheio; para mim, o pior é o que não quero que me aconteça. Ele vem como uma reprovação, lança âncora em terra firme e me joga sem boia no mar.



POR INSTANTES

Por instantes, pareço rodopiar no tempo de forma inapropriada. Não sei o que fazer desses meus sonhos que nunca acabam de reinventar-se. Da vida poderia cobrar alguns favores que não me foram devolvidos,

alguns méritos negados. Desgostoso, poderia fazer como todos aqueles que desaparecem sem deixar rastros. Mas evitarei perder todo o juízo, mantereí uma certa cerimônia com a vida.



SEI DE MEMÓRIA

Eu imaginava que minhas antigas crenças habitavam minha ética dando “as cartas”, evitando as “cartas marcadas” da vida.



SUSPEITO

Sabendo-me tão frágil, ainda me inquieta haver-me a vida poupado de sofrer de amor. Mas como chamar o que sinto?

NO FUNDO DE MIM MESMO

No fundo de mim mesmo tenho um medo de refazer o caminho que leva até a vida. Velo a lembrança de todas as iniciações. Constato a pouca eficácia do ocultamento da passividade, da inoperância e da submissão. Tento resgatar a humildade que me fará aceitar todas as incertezas.



VIVO AOS PEDAÇOS

Vivo aos pedaços, inventando-me um egoísta enlouquecido ou criando uma lembrança que nunca aprendi a forjar.

Essa mania de romper o silêncio e a ignorância me embrutece quando cancelo o improvável e torno uma tentativa num feito. Aumento minha dívida com aqueles a quem não aprendi a me dirigir, evidencio meu despreparo para permanecer no seu círculo de interesses. Sei que a vida pode se alongar, mas ela

jamais é silenciosa. Espero tantas manifestações quantas as desejam todos os solitários juntos, muito embora, para alguns, estar com pessoas possa ser um vício. Suspeito estar inventando sinais, previsões.



QUIMERA OU POESIA

Estremecem minhas certezas, afetadas pela espessa escuridão. Estalam-se os pisos, os ossos, rangem as portas, as articulações, as coisas que vivi fazem oportunas essas e outras. Eis ao que me refiro: é como se estivesse estampado um sentir que clama por atualização e autorização.

Deter-se, estranhar, lembrar, significa algo a recuperar, o antes tornado imenso invadindo sem descanso o atual como um acontecido desejante, como um bem que, humilde, espera o instante de lembrar que está à espera de reunir os elementos e os compor como obra, saudade ou poesia.

INDIGNAÇÃO

Antes de tornar-se uma batalha crônica e influenciar as opiniões de alguém, levo o infortúnio como epidemia, tornei-me inimigo das ofensas. Enchi-me de inspiração para não infiltrar a confiança com a alma imoral que me quer convencer a aceitar o inaceitável, o ladrão que me quer roubar o suor, a ideologia e a convicção.



CORAÇÃO INCAPAZ

Qual o tamanho das dúvidas desse meu coração incapaz de traduzir na palavra escrita meus sentimentos mais profundos?

HOUVESSE QUERIDO

Houvesse querido estar em nenhum lugar onde se esculpisse a fragilidade, embora conviva ocultando-a. Em algum olhar já depusitei tormentos. Internalizei a obrigação de me aceitar inundado de decepções forçadas.

Grito pelos colos há muito perdidos, definidos pelas qualidades hoje desistidas de estar. Tudo, implica em evitar a demissão das humanidades que ficaram privadas de mérito.



OS SENTIDOS

Mesmo decepcionado, tento um tempo novo, onde possa criar outras ocasiões, abandonar a mortificação dos sentidos.

AVERSÕES

Não tenho mais a tanta memória disponível. Não consigo mais esquecer nem lembrar. Não me desprendo, não me apego, nada mais tento. Provoco o efeito indesejado, crio aversões na consciência de quem me ouve.



MEU ALCANCE

Dou nome aos pedaços distribuídos por todos os tempos em que eu vivi. Torno atual uma próspera capacidade de restaurar um caminho. Favorável desta internalização, nem sempre consigo mover esses negócios temporários ao meu gosto.

SOBRAS DE AFETO

No desespero, ensaio uma dedicação superada. Eu estou por aqui com sobras de afeto, disposição e interesse. Sempre voltado a cuidar do que posso, me empenho, acolho até fatigar, estendo-me à paciência alheia, cansada de tantos descuidos. Evoco a harmonia. Sem pedir licença me instalo e vou ficando até encontrar alguma paz.



MEMÓRIAS DISPERSAS

Coletó histórias transporto desanimadoras notícias para melhor suportá-las. Alcanço pouco, não disponho mais da memória que me diga aquele que fui, já não posso mais perder um só tempo procurando um modo de ser menos triste. Apago incômodos indesejados.

DAS AMEAÇAS

Quando foi que perdi ou guardei a inocência, não sei. Desapareceu, assim como todos aqueles que magicamente transformavam em possíveis todos os impossíveis.



PERMISSÃO

Choro quando era para rir, perco o rumo com o norte na mão. No entanto, tento fazer chegar até a próxima primavera o que inventei para colorir a melancolia. Não sei se me alcançará o futuro, o tempo mal comportado nem sempre segue dando as cartas. Espero que o jogo chegue até o final.

BUSCO CAMINHOS

Extraviados intencionalmente os caminhos, não precisarei nada mais que encontrar alguma verdade. Prometo fazê-lo, quando encontrar caminharei dentro do silêncio. Há tanto que ver, procurar os exemplares, novas ideias necessárias, rotas que anunciem os prazos que terei, depois, não saberei da valia enquanto não compreender porque o faço. Sou daqueles que joga, ora como afronta, ora como risco; eu, como não conheço os caminhos, busco os mapas e os atalhos.



ENSAIO AGONIAS

É na maré dos olhares que ensaiam agonias, me recolho, busco interlocutores, procuro alguma vantagem que acenda alguma chama que me jogue nos riscos do amor e faça a prudência descansar. Ando cansado de tanto descanso.

LEGADO

Esqueceram-se de dizer-me que se morre mais de uma vez. Que se vai um pedaço cada vez que desaparece um amor ou uma pessoa amada. Propositadamente, deixaram-me desavisado para poupar-me sofrimentos. Dessa forma, adiaram minha consciência, porque não se pode poupar dores, elas acontecem sempre onde escolhem acontecer, alcançando a terminação nervosa da alma para doer mais fundo e permanentemente. Muitas foram as vezes em que debocharam de mim, das minhas crenças, das minhas esperanças, da minha vontade explícita de ser um sonhador, da ingenuidade que deu rumo às minhas ações voluntárias e involuntárias.

ALGO

Se o que sinto se comparara com algo conhecido, seria com o amor. Eu o creio sim, o que havia de acontecer já está feito e é maior que o amor que conheço. Não tem nome, não encontro como dizer porque as palavras não bastam, elas podem ser promíscuas, perdem sentidos, profundidade, a conotação original, porque no mundo há luta pelo poder, tão cotidiana que até as palavras disputam entre si o direito de abandonar os afetos, deixá-los pelo meio do caminho.



MUITO A SERIO

Mostro curiosidade em fazer o que faço, combato a caridade, as análises que levam muito a sério o que não é nada sério, a cobrança formal ocultando que é indevido, o previsível depois de acontecido. Já é suficiente ter que viver em intimidade com o que não aprovo, com os registros supérfluos, as informações manipuladas, as notícias plantadas, o efêmero que esconde tudo o que não se sustenta.

INVENTO NOVAS

Invento maneiras novas, estreio diferentes sorrisos, vários argumentos, dissimulo inovando, movo articulações esquecidas, perco quilos cronicamente guardados, pouco antes de novamente respirar, olho com os olhos recém-lavados, agora adoto tudo isso, por motivos particulares. Por razões de intimidade nada mais direi.



PASSAR A LIMPO

Gostaria de ter cuidados recebidos como criança, a certeza do abraço que não treme ou hesita, que provém da entrega, que me olha e para desenhar um mapa das minhas necessidades. Dói o medo de que eu não consigo entender, doi o mundo que complica e esconde sua intenção, o próximo lugar, filtro o novo desconhecido. Luto, tento compreender o borrador, passar a limpo acompanhado de alguma alegre companhia, segura e adulta companhia.

DORES PASSAGEIRAS

Comovo-me sem incentivo, suo no inverno, choro sem causa aparente. Meus pés doem de tanto não caminhar, meus olhos saltam em direção a alguma beleza que invente alguma nova nostalgia que me acalme.



ABORDO TEMAS

Abordo temas que cumprem, comunicam segredos, afinam o que é bruto privando-lhe da obediência absoluta, autorizam aos proibidos incluindo-lhes conhecer a liberdade, aproximo os caminhos para dizer o que querem escutar de mim.

Estou farto de tanta solidão, acabam ali todas as faltas de contato. Evidências são emitidas por olhares que corrigem convertendo.

DAR COLO

Ofereço um colo à solidão, quero um abraço como agasalho para cobrir de calor onde há vazio. Quero um futuro abrigado. Espero até que uma voz me alcance apaziguar o meu percurso. Que a experiência não seja um logro a ser mantido como verdade definitiva.



QUANDO A DOR TRANSCENDE AS ATENÇÕES

Tua contundência foi tal, que me restou muito pouco por dizer. São meus atos a essência do que eu sinto, promovo, mas o que sou é a soma do que sinto e conheço. Não quero viver de alternativas, preciso inventar uma cultura própria para nosso encontro, uma obra nossa, sem tantas incertezas, sem fiscalização, sem tantas regras, sem desconfortos.

ATITUDES

Não sei se é útil incluir uma testemunha que me devolva a sensatez, inspire novas tranquilidades. Oprimo qualquer extrapolação, ponho grade na minha indignação, decisivos ingredientes que incluo na minha vida para seguir vivendo historias mínimas, sem heroicidade, sem personagens.

Várias atitudes desfazem meu desejo quando alterado fico. Causa-me espanto um convite de passar o resto da vida conversando a esse respeito e solicitando mais provas do que uma memória viva.



RAÍZES E DESILUSÕES

Sendo o amor exposto às férteis raízes e às trágicas decepções, me animo a pensá-lo como força que exige cuidados para mudar os rumos, quando necessário. O amor espera por um portador de acumuladas esperanças que interceda pelos sonhos para não perdê-los.

DEIXO MARCAS

Sem dar-me conta, deixo rastros, muitas marcas demarcam por onde fui, por onde gastei minhas pegadas, fugitivas, seguidoras, amparo no rumo alheio, convertidas em vestimentas, portando um recado e uma despedida.

Flutuando nas praças, molhes, nas ruas por onde passeiam os ventos e estacionam as flores. Ando buscando encontrar alguma noticia que preencha o vazio, ando para me afastar da impiedade nossa de cada dia.



DISFARÇO

Vivo me escondendo para ser feliz. Onde posso fico em paz, gostando de ser uma companhia que a habilita. O limite entre nós cessa de existir. Quanto me pesa esta sensação de que preciso mais de uma vida para te entender, e que quanto mais eu de ti me afasto,

mais próxima estás. Esse tempo imóvel me carrega na circularidade para que eu nunca deixe de te encontrar. Nasço de novo para termos encontros mais sutis, que renovem a espera de um amor que me deixe menos tristes. Disfarço minhas evidentes desvantagens diante do que aprendi a temer.



AS QUEIXAS

Se eu choro, se eu sofro, padeço atônito vendo esse tempo gasto me acenando gestos de resgate, gemo às contusões. Fico à espera de novas instruções, em alguma influência que aumente minha duração na vida. Bastam as queixas que colaboram com a minha desistência, parecem querer dissecar minha paciência.

O TAMANHO DOS VAZIOS

Isso de perdas e distâncias revela o tamanho dos vazios, o fundo do fundo, a secura da sede. Sem avisos, a vida faz da tristeza uma dor bonita, uma porteira onde era para ser passagem. É sino que badala fora de hora indicando haver paz no meio do nada, dando sentido ao vazio.



TAREFA CUMPRIDA

Vejo a tarefa cumprida em meio de ausência que renova aquilo que nunca começou. Como um espetáculo surpreendente, o desacordo separa, fico sem cobertor. Falta-me a coragem para buscar um abrigo que não dependa de respostas previsíveis.

COISAS IMPOSSÍVEIS

Impregnado pelas coisas impossíveis que se me impõem, pela realidade, importo uma fantasia que mate a curiosidade alheia.

Pronto! Procurei com insistência, me apropriei de uma desproporcional onipotência, contrariei os limites. Isso exige alguma preparação prévia, não dar as devidas proporções a uma vontade. Diante dessa inabilidade, me impossibilitei de prever. Anulei a firmeza da minha proposta.

A despeito da coragem e do tamanho da imaginação, incitei a ficar sujeito, a deixar de atender aos sonhos de cada um que me cerca. O que me faz antever quaisquer danos ou compensações?

VOU E VENHO

Frequentemente tens me tratado como um efêmero-permanente, vou e venho aproximando a fantasia da realidade de tal forma que não necessito mais provar-te nada. Troco as minhas dores por outras menos doidas, deixo meus medos para outra ocasião, tenho muito pouca paciência para esperar tudo o que me prometeste sem cumprir. Avanço para restituir um tempo negligenciado, extraio dos meus afetos adiados uma pressa nova, não posso deixar tudo para o último período, quero melhores condições para resumir tudo o que tenho por viver.



NECESSITO

Necessito uma linguagem nova. Quero brincar, levar comigo as palavras, fazer-te sentir o que não posso nomear. Sorrisos espontâneos narram a minha alegria, não sei dizê-la, de outra forma ela não se explica.

OUVIR MURMÚRIOS

Ouvir murmúrios confunde. Em seu lugar, verto uma prudência que atravessa a minha mente, inimizo-me com a intriga quero apenas o trecho da concórdia autêntica e corajosa, o tão buscado e o infrequente, somente visto no interior do fazer coerente. Tento livrar-me das experiências desnecessárias poupo-me dessas funções de adversários de mim mesmo, valendo-me da ocasião invento o oposto suavizando certo mundo mesquinho, sempre que possível.



TALVEZ

Talvez por curiosidade, uma espécie de comoção acentuou a vontade de contar, mais do que preparatória, a realização de comparecer unânime sem esquivar-me de emprestar minhas palavras para que o tanto que vi e ouvi não caia no esquecimento. Pronunciar as evasões, os ocultamentos, os segredos, dizer que há

cúmplices do silêncio, falar sem aceitar atenuantes, contar as particularidades da vida minha, dos outros, murmurar no papel, conduzir a presença das palavras, pôr letra na música alheia, saber que há pessoas que me procuram para serem conduzidas à presença da vista de quem desvia o interesse ou pouco se importa com o encaminhamento. Feito leitores, emprestam seus olhos passageiros executando uma curiosidade que faz companhia ligeira, não admitem envolvimento, desembarcam fácil não deixando nem lembranças, desviam de propósito, escapam às buscas, jamais testemunhas, portanto, nada a recordar, se fazem anônimos sem registros.

Presentemente, tenho poucos silêncios para oferecer, nada me desvia dos meus propósitos, pulo as margens, evito relacionar-me com o que não valha a pena, provavelmente me refugio no conjunto que descrevo, ali parto numa aventura sem fim, tantas as coisas por dizer. Não sei o nome de muitos, conheço-lhes pouco, sei serem donos da carência, da dor, do sonho, do provável, do havido. São trauseutes, passam de passagem pelas páginas, deixam rastros, se direcionam em um ângulo, alongam o passo para se distanciarem no que vem a seguir. Quando calam ocultam uma parte do horizonte

para limitar-me a vista ao pouco que alcancei neles ver. Precipitando minha curiosidade desaparecem na primeira esquina dando adeus ao amanhecer. Correm n(um)a direção (a) de algo parecido com o futuro. Compartimos o mesmo tempo, instruídos a ficar cada um na sua, por todas essas razões nunca os procurei depois. Evito a recusa. Talvez por curiosidade permeio essas histórias que se me cruzam e nunca saem de perto, dando voltas ao redor de mim.



LARGO CAMINHO

O amor chegando só soprou com impaciência um verso incompreensível, unicamente aquele que possuísse excelentes qualidades amorosas e se encantasse com a prática de deixar-se emocionar perceberia que se achava diante de uma declaração, do amor. Apesar de reiteradas experiências, principalmente por haver se tornado indispensável frequentador, os amores e seus serviços, tudo o que por ali havia vivido não

se comparava ao idioma que anunciava alguma face sua diferente. Feito o oferecimento, viu-se aparecer um portador que o conduziu com todo o cuidado que ele necessitava para permanecer. Trazendo invariavelmente bem guardado, buscou ter a certeza de que seria bem recebido. Antes de prosseguir, proferiu algumas poucas palavras para confirmar estar no lugar certo, trazido desde muito longe, essa preciosa carga. Sendo frágil e pouco segura em relação ao tempo e espaço, fez-se indispensável o repouso, no meio das agitações da vida. O amor, em si é perfeito, seu uso nem sempre adequado, limitemo-nos a mencionar a sua boa disposição, mas convém evitar ocupar com supérfluos, melhor seria dispô-lo como o principal. Em virtude das circunstâncias, é sempre bom saber que ele não é isento, pouco suporta a violência e apresenta surpresas desagradáveis quando desprezado, gosta da harmonia e do bom gosto. Havendo gastado anos atravessando este longo caminho, o amor chega decidido esperando que o tempo melhore, se acolhido. Quer ser aceitado por alguém, pretende não seguir nessa busca incessante. Dar-se àqueles que se ofereceram para levá-lo em uma aventura original, colhendo todos os sentimentos existentes, o que facilitará a permanência.

ADMITO

Tornei-me adito da aflição, ainda não aprendi a esperar, busco o que não sei; se encontro, não reconheço. Onde andarão os cupidos, as vantagens, as sinceridades. Admito inabilidades para sofrer, a ofensa toma atalhos que não frequento, as camas andam cheias de coisas vazias, nego abraços sem amparos, quando sei que sou aquele que mais os necessita.



GUARDO

Guardei o grito na garganta, o tiro na culatra, a palavra ofensiva engolida como sapo, bebi até o fim, passei o pedágio, paguei com juro as promessas que não foram minhas, carreguei as orações por dívidas alheias, usei o que é meu, paguei o aluguel do alheio, chamei meus sócios a quem pago impostos para que gastem menos, a seguirem assim, me levarão a bancarrota sem meu consentimento.

MINHAS FANTASIAS

Gasto minhas fantasias recuperando meus espaços, meus heróis, minhas fotos, meus sonhos impossíveis. Evito os vírus da infância. Ainda lembro a letra das canções italianas que me abriram portas, janelas e íntimas confissões alheias, o violão virou memória, as letras com lacunas.



VER

Fiquei cronicamente triste sem razões ou causas aparentes, não houve contágio, contato, não me expus, não beijei estranhas, não entrei nas perigosas fendas, não habitei desconhecidas, confesso que me guardei, até na tentação, não confrontei o gozo sabido pela provocação sem sentido. Encantei-me por vozes, poemas, histórias, narrativas, declamações, literatura, projetos, construções de amizades, acordos, amores declarados e ocultados. Amei comidas, países, portos, esse amor que corre nas minhas veias feito sonho

feito nostalgia, a humildade exposta como agonia, a ausência como saudade branca e negra, quase uma morte desassistida, quase uma paixão desenfreada que cobre o feio e o bonito, o que eu quero e o que eu não devo.



TENHO MUITO POR FAZER

O tempo me amputa o espaço, tenho medo de que ele possa violar meus planos de fazer noventa e um anos. Tenho muito por fazer, peço permissão para projetar minhas sombras. Trago muitas lembranças turbulentas, dispensadas pela eliminação precoce e injusta. Proponho extinguir o abandono e outros artifícios que encubram o afastamento. Espalhada por todos os cantos minha vontade de viver pede nobre companhia. Faço todos os momentos especiais, ordeno as inspirações para que o encanto dure um pouco de cada vez, eficaz, proclamando meus gostos, meus gozos profundos, compridos, penetrantes, abraços amplos e vontades pendentes, vazios desconhecidos e o velho costume de inventar um amanhã um pouco melhor.

AMANHECER

Esse amanhecer que se aproxima provoca escândalo nas minhas mal distribuídas lembranças. Exorta uma alegria desafinada com a demora. Busco um viver frequentado. Encho de jasmims todos os canteiros que ousem ficar por perto, recolho os arquivos mortos sem violar as leis fundamentais, arranco a melancolia do crônico lugar, animo o passado para haver outra vez, uma vontade caudalosa precipitada fazendo corrente com o desejo de viver sem poupar a vida.

Harmonizo os arredores. Um forte vínculo me compromete a ter sonhos, enriquecer-me pelos olhos que veem o que existe na natureza, as inclinações das águas e das árvores.

VERSOS

Invento um sonho novo, cumpro desejos, um suspiro de alívio anula a dor investida e a ofensa ofertada. Caio na tentação de liberar todas as sensibilidades, desabituar-me das autorizações. Abordo a solidão oferecendo-lhe uma companhia. Torno mais profundas as expectativas, faço extrema a próxima vivência, desato a história emperrada pelas penas ali deixadas, limito o espanto, realizo atos que me convenham.

Roberto Curi Hallal

